

A linguagem encobridora e reveladora: a sexualidade velada em “Amar, verbo intransitivo”, de Mário de Andrade

*Simone Rodrigues Vianna Silva*⁴⁸

Resumo

Esta pesquisa, em andamento, propõe-se a estudar os processos linguísticos utilizados por Mário de Andrade na obra *Amar, verbo intransitivo* quanto ao trabalho da sexualidade presente no romance/idílio, feito ora de modo a encobri-la ora de modo a revelá-la. Publicada originalmente em 1927, a obra aborda um tema bastante controverso para a época: a iniciação sexual de Carlos, jovem burguês, filho do casal Sousa Costa, encomendada por seu pai. Como romance experimental modernista, a obra coloca em cena uma protagonista alemã que trabalha como “professora do amor” – eufemismo utilizado por Mário para designar o trabalho de prostituição exercido por Elza –, resultando em um enredo permeado pela questão amorosa/sexual, centrada na figura da “governanta” estrangeira, Fräulein (Elza), e de seu aluno, Carlos. Como tabu social (FREUD, 2013 [1917]), a sexualidade é trabalhada na obra de modo encoberto, até mesmo para a família, que não sabe a verdadeira função de Fräulein na casa, sendo utilizado, pelo pai do rapaz, o subterfúgio social da governanta e preceptora para introduzi-la na residência familiar. Em diálogo com a práxis psicanalítica, a partir do estudo de alguns temas trabalhados por Freud, a presente pesquisa busca analisar como a materialidade linguística da obra encobre a sexualidade e, ao mesmo tempo a revela, através de metáforas, construções sintáticas incompletas, alusões, metonímias e deslocamentos de sentido e, de maneira especial, negações e racionalizações (FREUD, 2011 [1925]) daquilo que foi anteriormente afirmado. Como resultado preliminar desta análise, apresentaremos alguns trechos da obra em que esses mecanismos aparecem e o que revelam e encobrem nesse jogo linguístico, analisando a questão da prostituição em São Paulo nas décadas de 1890 a 1930 a partir do panorama histórico apresentado por Margareth Rago em seu estudo sobre o tema (RAGO, 2008).

Palavras-chave

Mário de Andrade; *Amar, verbo intransitivo*; sexualidade; encobrimento

48 Graduada em Letras (Unicamp/SP), atualmente, realiza pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (USP). Participa do grupo de Estudos em Literatura e Psicanálise – FFLCH-USP. E-mail: simonev@usp.br

Autor preocupado com o fazer modernista e com os aspectos linguísticos desse fazer, como o mesmo aponta em seu “Prefácio interessantíssimo” de 1922⁴⁹, Mário de Andrade é tido como o principal teórico do Modernismo e como o autor que introduziu a Psicanálise na literatura brasileira (DUNKER, 2015). *Amar, verbo intransitivo* (1927/1944)⁵⁰, primeiro romance do autor, foi considerado por ele mesmo como “gordo de freudismo” (ANDRADE, 2013b, p. 155) e selecionado como corpus da presente pesquisa.

Designado por Mário como um “romance/idílio”, sua classificação traz um dos aspectos mais relevantes da obra: a sexualidade. Telê Porto Ancona Lopez, no artigo “Um idílio no modernismo brasileiro” (LOPEZ, 2013 apud ANDRADE, 2013a), analisa que o desenvolvimento do núcleo da narrativa acontece tal qual um idílio, uma “história de amor urbana: a descoberta, a prática amorosa envolvendo ternura e sexualidade” (2013a, p. 160). A autora analisa nesse e em artigo anterior, “Uma difícil conjugação” (1981), a ironia e a importância dessa designação: o experimentalismo dessa prosa de Mário de Andrade, não apenas em relação à estrutura narrativa, como também ao tema desenvolvido.

A obra aborda a iniciação sexual de Carlos, jovem burguês de 15 anos, filho mais velho do casal Felisberto e Laura Sousa Costa. Tema controverso para a época (e ainda para os dias atuais), essa iniciação não pode ser revelada, nem socialmente, nem dentro da casa familiar, já que a sexualidade, especialmente em relação à prostituição, deve permanecer encoberta socialmente no âmbito masculino e silenciada completamente no âmbito feminino. Isso acontece, pois a sexualidade, especialmente a feminina, sempre foi um tabu para a sociedade. Freud, em seu texto “O tabu da virgindade” (2013 [1917]), afirma, ao abordar práticas consideradas primitivas em relação à virgindade da mulher, que:

49 Você perceberá com facilidade que se na minha poesia a gramática às vezes é desprezada, graves insultos não sofre neste prefácio interessantíssimo. [...]

Pronomes? Escrevo brasileiro. Se uso ortografia portuguesa é porque, não alterando o resultado, dá-me uma ortografia.

Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. Se estas palavras frequentam-me o livro não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, elas têm nele sua razão de ser. (ANDRADE, 2013c, p. 72)

50 Para efeito de estudos, foi utilizado o texto de 1944, publicado em 2013 pela editora Nova Fronteira. ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013a.

Ali onde o primitivo ergueu um tabu, é porque teme o perigo, e não se pode negar que um temor básico ante a mulher se exprime em todos esses preceitos para evitá-la. Talvez ele se fundamente no fato de a mulher ser algo diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha e, por isso, aparentemente hostil. O homem teme ser debilitado pela mulher, ser contagiado por sua feminilidade e, então, mostrar-se incapaz. O efeito relaxante e dissolvente de tensões, que tem o coito, talvez seja exemplar para esse temor. Em tudo isso não há nada que tenha envelhecido, nada que não perdure entre nós. (p. 373-374)

Embora Freud esteja abordando práticas anteriores ao advento da modernidade, como ele mesmo afirma e podemos perceber, “não há nada que não perdure entre nós” e é o que o trabalho da historiadora Margareth Rago (2008), intitulado “Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930”, mostra sobre a prostituição feminina.

Ao analisar as transformações nos espaços públicos de São Paulo e a entrada da mulher nesses espaços, Rago (2008) aponta uma maior preocupação social na identificação das chamadas mulheres “perdidas” em contraposição às “honestas”. A prostituta aparece, desse modo, como “limite à liberdade feminina” (RAGO, 2008, p. 45), um interdito simbólico às demais mulheres. Essa necessidade de castração da liberdade feminina corrobora a tese de Freud (2013 [1917]) ao afirmar que o homem teme, de certo modo, a sexualidade feminina que lhe escapa, precisando, em decorrência, dominá-la de alguma maneira.

A forma mais eficaz de dominar a sexualidade feminina é torná-la tabu e, desse modo, silenciá-la nos discursos femininos, ocultá-la nos discursos masculinos⁵¹ e/ou estigmatizá-la no âmbito social geral, a partir de discursos socialmente aceitos, como os discursos médico, jurídico ou de força policial.

Esse trabalho de silenciamento e ocultamento é realizado por Mário de Andrade em *Amar, verbo intransitivo* e corrobora tanto o estudo de Freud (2013 [1917]) sobre o tabu da sexualidade, quanto o estudo de Rago (2008) e o encobrimento da prostituta no âmbito social. Mário realiza o trabalho de encobrimento da sexualidade especialmente através da utilização de determinados

51 Eliane Robert de Moraes, no artigo “*Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária*”, analisa a questão da prostituição a partir de três obras literárias: *Balão cativo*, de Pedro Nava, *Madame Pommery*, de Hilário Tácito e *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade. A questão do ocultamento pode ser percebida quando a crítica analisa o trecho de Nava a seguir: “Putas. Era aquilo. Não resisti e perguntei. O que é puta, seu Antônio? Ele nem hesitou. Putas, mó m’ino, são mulheres que dão. Mais não disse e deixei-me perplexo. A mim e ao Tonsinho. Dão o que? santo nome de Deus! Que dão elas? Esse dar intransitivado e assim reticente perturbou-nos profundamente” (p. 166). Mesmo sendo crianças, os meninos, justamente por serem do sexo masculino, podem entrever o tema da sexualidade e da prostituição, algo não permitido às meninas.

mecanismos, tais como: metáforas, metonímias, alusões (que não são retomadas ou explicitadas), afirmações que são substituídas, posteriormente, por outras afirmações, negação do que foi dito e do que não foi explicitado, mas é facilmente retomado pelo leitor, racionalizações (FREUD, 2011 [1925]) e criação de atos falhos (FREUD, 2014 [1916]) (que são, posteriormente, “corrigidos”).

O diálogo a seguir, presente na cena que abre o livro, entre Fräulein, a senhorita contratada para o serviço e Felisberto, o contratante, ilustra alguns desses mecanismos e é representativo do trabalho linguístico empenhado por Mário:

Lembrando mais uma coisa reteve a mão de adeus que o outro lhe estendia.

– E, senhor... sua esposa? está avisada?

– Não! A senhorita compreende... ela é mãe. Esta nossa educação brasileira... Além do mais com três meninas em casa!...

– Peço-lhe que avise sua esposa, senhor. Não posso compreender tantos *mistérios*. *Se é para o bem do rapaz*.

– Mas, senhorita...

– Desculpe insistir. É preciso avisá-la. Não me agradaria ser tomada por *aventureira*, *sou séria*. *E tenho 35 anos*. Certamente não irei se sua esposa não souber *o que vou fazer lá*. *Tenho a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão*.

Falava com a voz mais natural desse mundo, mesmo com certo *orgulho* que Sousa Costa *percebeu sem compreender*. Olhou para ela admirado e, *jurando não falar nada à mulher, prometeu*. (ANDRADE, 2013a. p. 19, grifos nossos.)

Há teses importantes do romance/idílio que Mário de Andrade já apresenta nessa primeira cena: a relação entre o estrangeiro e o nacional (que será trabalhada posteriormente na pesquisa), permeada, como podemos perceber nessa e em outras cenas, pela incompreensão; a prostituição e, o mais importante, seu ocultamento. As exclamações e reticências na fala de Sousa Costa ao responder o questionamento de Elza revelam surpresa pela possibilidade (não cogitada por ele) de contar para a esposa que havia contratado uma prostituta para iniciar sexualmente o filho do casal, já que essa seria uma decisão unicamente do âmbito masculino, e o ocultamento do que é socialmente conhecido e que não deve, porém, ser mencionado.

O “Não!” nos aparece como resposta pronta e assustada, entonado com espanto diante da possibilidade apontada, representado pela exclamação, e a justificativa é entrecortada pelas reticências, num discurso que não se revela todo, não é completo, mas pressupõe conhecimento e preenchimento por parte dos interlocutores – Elza e o leitor. A justificativa, entretanto, é pautada na impossibilidade de dar ao conhecimento da figura feminina, no caso a esposa de

Sousa Costa, d. Laura, os temas da prostituição e da sexualidade⁵², temas esses que não são nomeados, mas pretendem-se subentendidos por todos os que estão participando da comunicação.

Ao enunciar “Não posso compreender tantos *mistérios*” (grifo nosso), Elza responde a essa impossibilidade de simbolização de Felisberto Sousa Costa com o substantivo “mistérios” que, de acordo com o dicionário Aurélio, possui como uma de suas acepções possíveis: “o que a ninguém deve ser dito; confidência; segredo”⁵³. O que não deve ser dito às mulheres e é a elas proibido enunciar, como vimos acima, é justamente a sexualidade, que só é acordada com as mulheres que praticam o amor venal, como Fräulein.

Elza, então, argumenta com uma oração condicional: “Se é para o bem do rapaz”. A condição que a personagem apresenta para contar a d. Laura⁵⁴ vem em contraposição ao que é apresentado na sequência: “Não me agradaria ser tomada por *aventureira, sou séria. E tenho 35 anos*. Certamente não irei se sua esposa não souber o que vou fazer lá. *Tenho a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão*”. Fräulein entende que o silenciamento de Felisberto em relação à esposa significa que ele classifique a preceptora como prostituta, termo encoberto, aqui, pela metáfora “aventureira” que, como podemos ver no artigo de Monteiro (1998), já era utilizada para designar mulheres que procuravam casamentos vantajosos para ter certa posição social⁵⁵.

Defendendo-se de uma acusação não verbalizada, porém compreendida por ela e pelo leitor, Elza justifica sua *profissão* como decorrente de “uma fraqueza”. É interessante observar o jogo de ideias utilizado nessa fala: enquanto a metáfora “aventureira” coloca Elza no papel de mulher à procura⁵⁶, que deseja fisgar um bom

52 Priscila Figueiredo, em “Em busca do inespecífico: leitura de *Amar*, verbo intransitivo de Mário de Andrade”, 2001, aprofunda a análise social do encobrimento: “Repare-se: desde que ninguém desconfiasse de nada, um pensamento que se fia na opinião alheia e não alcançou ainda a autonomia moral; que está, portanto, aquém do individualismo burguês. A respeitabilidade da família depende de quanto é percebido pelo olhar vizinho. Se nada, então tudo fica bem”. (p. 27).

53 Dicionário Aurélio Online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/misterio/>. Acesso em: 23/01/2019.

54 Essa condição é retomada na cena em que d. Laura, percebendo a aproximação entre Carlos e Elza e suspeitando das intenções do filho em relação à preceptora, resolve pedir a Fräulein que deixe a casa da família. Um exemplo nesta cena é a seguinte fala de Felisberto: “– Pois eu lamento profundamente que Fräulein vá embora, Carlos me preocupa... Está aí o filho do Oliveira! E tantos!... Eu não queria que Carlos se perdesse assim!” (ANDRADE, 2013a, p. 60).

55 “Harriet Martineau alertava contra a *aventureira que esperava fisgar um marido e uma posição de valor*” (MARTINEAU, 1860, p. 269, apud MONTEIRO, 1998, p. 64).

56 CARVALHO (2009), em sua tese de doutorado intitulada “Entre a vida e o sonho: contribuições para uma análise crítica do romance *Amar*, verbo intransitivo”, defende a ideia de que Fräulein nutre uma esperança de se casar com Carlos e ser aceita pela elite.

casamento e, sabendo que Carlos será um herdeiro rico, Felisberto conta com essa atuação da personagem para pregar “um bom susto nele” (ANDRADE, 2013a, p. 62), afinal, para ele, Fräulein é uma prostituta contratada para tal, papel, no entanto, que ela nega criando suas próprias justificativas: “sou séria”, “tenho 35 anos”, “É uma profissão” e, talvez o mais importante, “a profissão que uma fraqueza me permitiu”.

Há, nesse breve diálogo, o encobrimento de um contrato de amor venal, – através da utilização de metáforas, sintaxes incompletas, pontuação específica, negação e racionalização (FREUD, 2011 [1925]) –, e a parcial revelação de perspectivas de cada um dos lados acordados: Elza, prostituta que vende seus serviços, mas não deseja ser vista ou tratada como tal, e Felisberto Sousa Costa, contratante, que a vê como tal, porém entende que aos olhos da sociedade seu papel será outro⁵⁷. A negação e racionalização (FREUD, 2011 [1925]) de Elza são interessantes para Felisberto, apesar de incompreensíveis, – já que ele percebe o orgulho dela sem compreendê-lo –, pois, acreditando-se uma profissional, ela atua com mais eficiência no papel de preceptora (encobridor) e, também, no de “professora do amor” (ANDRADE, 2013a, p. 90).

Analisando a última justificativa, vemos a inversão que Elza faz, em benefício próprio e como forma de negação, em relação à ideia inicial de Felisberto: não é ela quem, “aventureiramente”, busca um casamento vantajoso, mas é Carlos – o homem – quem tem uma “fraqueza” que a permite ser aceita, de casa em casa, para executar sua profissão.

57 Essa questão aparece novamente na obra quando d. Laura pede a Elza para que deixe a casa da família pois está desconfiada da paixão de Carlos. Na cena em que os pais do jovem conversam com Fräulein, fica claro para ela que a percepção de Felisberto sobre seu papel na casa é bastante diferente de sua própria percepção e, em uma fala emocionada, porém sem interrupções. O que queremos pontuar aqui é que, diferentemente das falas de Felisberto e, até mesmo de d. Laura, sempre entrecortadas por muitas reticências, apresentando dificuldade de simbolização e ocultamento daquilo que não deve ser dito, Fräulein, mais uma vez, se defende contra o papel de prostituta em uma fala sem cortes frequentes, sendo que o único momento em que há reticências é antes de verbalizar o eufemismo “perdida”, referência muito usual para as prostitutas, o que poderia ser analisado como uma dificuldade em aceitar a posição que, no fundo, reconhece. Para elucidar o que foi dito, segue um trecho do diálogo com d. Laura e Felisberto:

[...] É certo que o Sr. Sousa Costa me tomou para que viesse ensinar a Carlos o que é o amor e evitar assim muitos perigos, se ele fosse obrigado a aprender lá fora. Mas não estou aqui apenas como quem se vende, isso é uma vergonha!

– Mas Fräulein não tive a intenção de!

– ... que se vende! Não! Se infelizmente não sou mais nenhuma virgem, também não sou... não sou nenhuma perdida. (ANDRADE, 2013a, p. 56)

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013a.

_____. “A propósito de *Amar, verbo intransitivo*”. In: *Amar, verbo intransitivo: idílio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1927] 2013b. p. 155-158.

_____. “Prefácio interessantíssimo”. In: *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013c. v. 1. p. 59-76.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. “Flip 2015 alcança sua maioria penal”. In: Revista Fórum. Disponível no site: <http://www.revistaforum.com.br/semanal/flip-2015-alcanca-sua-maioridade-penal/> Acesso em: 01/08/2015.

FIGUEIREDO, Priscila. *Em busca do inespecífico: leitura de Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

FREUD, Sigmund. *Obras completas: O tabu da virgindade [Contribuições à psicologia do amor III]*. [1917] Vol. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Obras completas: O eu e o id*. [1923] Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Obras completas: Primeira parte: os atos falhos*. Vol. 13. [1916] São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. “Um idílio no modernismo brasileiro”. In: ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013a. p. 159-174.

_____. “Uma difícil conjugação”. In: ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo: idílio*. Belo Horizonte: Itatiaia, [1981] 1987. p. 9-44.

MORAIS, Eliane Robert. “*Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária*” In: *Teresa*, (15), São Paulo, 2014. p. 165-178.

_____. “Putá, putus, putida: Devaneios etimológicos em torno da prostituta”. In: *Revista da Biblioteca Mário de Andrade 69: Obscena*. São Paulo, 2013. p. 21-26.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.